

TERÇA FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2136

O GRAVE PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Desde a fundação de *A Batalha* que vinhos agitando nas nossas colunas um problema importantíssimo perante a indeferência dos políticos — a habitação. Durante meses seguidos sustentámos campanhas entusiásticas, citámos exemplos do estrangeiro, entrevistámos autoridades no assunto, publicámos gravuras das misérias de cá e fotografias de construções modelares dos países mais adiantados em civilização. E os políticos a quem está entregue a sorte do povo português — dormiam, ou melhor, tratavam da sua vidinha particular.

O problema da habitação encontra-se hoje mais agravado do que nunca. O povo não tem onde morar. As casas, as poucas casas que existem, estão fora do alcance da sua magra bolsa; outras estão caindo aos pedaços.

Os desmoronamentos que todos os anos alarmam a população não foram lição suficiente para ensinar os poderes públicos a olhar com mais atenção o problema da moradia popular.

São inúmeras as famílias que nos subúrbios da capital vivem em barraças miseráveis que um sôpro de vento mais forte pode levar e fazer em estilhaços. E os políticos não pensam nesses ninharias.

Não se pensou ainda na construção de habitações baratas que dessem de preferência abrigo seguro a essas pessoas que vivem aninhadas em casas de lata como animais num curral. Permite-se que, em pleno século XX, o homem — só porque não tem meios — leve uma existência miserável de animal inferior aconchegado em casinhotos lugubres, onde não há um arremedo de conforto, nem uma nota de alegria.

As poucas iniciativas particulares que surgiram no propósito de construir habitações baratas e abundantes encontraram da parte dos governos, senão a animadversão, pelo menos aquela burocrática e passiva resistência que tudo ensarilha e tudo adia para um dia longínquo — o que cria o desânimo e a desistência.

O inverno, este ano, anuncia-se já tempestuoso e cruel para os que não têm lar. As primeiras chuvas já estão causando as primeiras vítimas desta quadra ingrata.

Que pensa o governo a este respeito? Nada, como de costume. Mais desmoronamentos irão talvez alarmar a cidade, visitando sabe-se lá quem. Mas as construções populares e baratas não aparecem.

O povo não conta, como seguro, para seu abrigo, nestas noites frias de inverno, senão com o céu nuulado e negro e a terra encharcada para repouso do corpo.

Na "Voz do Operário"

foram atendidas algumas reclamações

dos sócios auxiliares

Voltou a reunir a assembleia geral da Sociedade A Voz do Operário. Os assuntos a tratar eram importantes. Nesta assembleia foram atendidas várias reclamações justas, o que contribuiu para amenizar o conflito há longa data existente, entre os sócios auxiliares e efectivos daquela colectividade. A assembleia aprovou que sejam considerados sócios efectivos os que foram sócios auxiliares durante 15 anos.

Resolveu-se ainda que aos operários da Companhia dos Tabacos demitidos por ocasião da sua última greve seja dada a categoria de sócios que tinham anteriormente. A pesar de algumas criaturas mal intencionadas tentarem oponer-se ao justiciero critério da assembleia, esta soube galhardamente resolver a bem das justas reclamações formuladas. Um conhecido sr. Samuel apareceu la com uma longa moção que soltou perante a assembleia, mas cuja doutrina venenosa foi altivamente repudiada.

Foi considerada de utilidade pública a Sociedade de Instrução e Beneficência «Voz do Operário», podendo gozar todos os benefícios da legislação em vigor, muito especialmente os da lei 1.782, de 5 de Fevereiro do corrente ano.

Uma saudação à "Batalha"

Os intérpretes portugueses reunidos pela primeira vez em assembleia geral para assentar na organização da sua Associação de Classe, saúdam *A Batalha* como porta-voz do operariado português, defensor energético das suas justas e humanas reivindicações, e bem assim todo o movimento operário, baluarte sólido de defesa das vítimas do capitalismo.

Outrossim declaram integrar-se no movimento operário, por intermédio da Federação Marítima, com a qual vão estabelecer relações.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

A BATALHA

REF. LEG.

Director: JOSE S. SANTOS ARRUDA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO

Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores

Restauração, incluindo o custo de envio:
Lisboa, mês 1500 Provincia, 3 meses 2500
África Portuguesa, 6 meses 7000; Extrangeira,
6 meses 11000.

ENQUANTO BAIXAM OS SALÁRIOS...

E' cada vez maior a cifra sinistra dos indivíduos que dormem nos patamares das escadas.

Quem se der ao trabalho de riscar um fôsforo e observar o aspecto desses desgraçados hóspedes, verificará sem grande esforço que eles não têm aquelas inimilides características que assinalam a presença do vagabundo, frequentador de cadeias, e a quem a miséria acompanha sempre, desde a infância...

Muitos, a grande maioria desses infelizes que não têm quarto, revelam no vestuário, nos seus modos, o fracasso recente, a derrocada próxima, e quando as passadas dos moradores, são mais fortes, elas levantam-se estremecidos, e contam a história do seu desastre, o naufrágio na vida que os arrastou, o dormir como miseráveis ao acaso, nos bancos dos jardins, ou nos patamares das escadas.

O motivo, a história é sempre a mesma, e evidente, tragicamente vincada na delicadeza de maneiras dos narradores: O desemprego, a irregularidade, a exiguidez de proveitos, e a exorbitância do preço dos quartos.

Primer é uma noite que não podem voltar ao quarto, porque não conseguiram achar o fechar do mês, a espantosa soma para pagar a hospedaria. Depois é a noite perdida ao relento, na esperança muito vaga de vercer a tremenda dificuldade...

Passam dois, três dias, horríveis, tântorres que acabam de vencer pelo cansaço, o hábito de dormir num quarto, de ter casa, de possuir uma cama, e então o desgraçado acaba por transijir com o sono e cair morto de fadiga, amarranhado de dor, sobre as táboas dum banco na via pública, no "sobrado" de uma escada, numa rua escura, deserta.

E' umaspecie ignorado da vida trágica da cidade, esta tragédia dos que não têm onde dormir, tragédia que nos emudece de horror, porque ela vai ferir indivíduos que ainda há pouco conheciam o calor do lar, e agora passam a conhecer as pisadas dos moradores dos prédios onde utilizam as escadas para improvisar o seu leito...

São indivíduos que tiveram os seus hábitos de vida regular, e que foram atirados para o enxuro da existência, pelo desemprego, provocado pela substituição de mulheres na sua tarefa; pela concorrência de outros desgraçados que se oferecem por todo o preço, aprovados com a crise tremenda que atira tantas vítimas para os máximos horrores da miséria; são ainda, o que é revoltante, indivíduos que se sujeitaram, sem protesto, porque a isso o espectro da fome os obrigou, a ficarem nos seus empregos, com redução de salário, e que acabaram por não resistir a este atentado de facinoras.

Não resistiram porque ao lado desse infâmia, da redução encapotada de salários, uma outra infâmia do quilate da primeira, vem agravar a ação do atentado aos maiores proveitos dos pobres sacrificados.

Em quanto que por um lado se diminui o salário, o preço da vida em nada diminui, e os quartos onde não é fácil exercer controlo, aumentam escandalosamente.

E' o banditismo o mais ignobil, o mais repugnante, sugando até à morte uma população que de tanto sugada já não tem resistência nervosa e entrhou na apatia das doenças graves.

Cerceiam-se os magros proveitos, aumentando-se até ao roubo o preço dos quartos e o mais extraordinário é que, depois desta terrível desparidade, os quartos de preços fabulosos vão também diminuindo de cunagem, de acomodações e de conforto.

E' a nova indústria destes novos corsários, é a indústria dos prédios alugados.

Um cavalheiro deixa mão a um sótão, e tem garantida uma fortuna em pouco tempo. Pega de um giz é marca no sobre uma infinidade de quadrados. Compra chita, ou umas ripas, papel, edifica sobre o traçado uns simulacros de paredes e em seguida, quase sem antíscio, porque há imensa gente farejando moradia, aluga aqueles caixões por uma renda elevada que lhe dá para montar outros negócios e ser um grande senhor...

Os jornais vêm cheios disto:

"Quartos alugam-se. No estabelecimento tal se diz."

O desgraçado vai ao estabelecimento e ali lhe dizem o preço e a direção.

Trepa ao quinto andar e aí surge o sótão, com as divisórias de chita.

O desgraçado se tem diñeiro, fica, porque não pode deitar a mão a melhor, a não ser que se jogue um nababo, ou então recua espavorido, nesse dia perde a noite e vai engrossar a legião dos que não têm onde dormir...

E esta infâmia alastrá, os quartos, que se multiplicam-se, multiplicam-se, a renda vai subindo, como se cada caciço pagasse a casa toda.

Entretanto, milhares de trabalhadores, lutam contra a baixa de salários que se pretende impor à vida fôrça e há ingênuos que supõem lógico, necessário ao barateamento, este monstruoso atentado à vida da população...

RENOVAÇÃO

O número da *Renovação* que está em circulação contém, como sempre, as últimas actualidades. A parte literária, em que colaboram nomes dos nossos escritores mais brilhantes, apresenta crónicas leves dentre as quais destacamos a de Mário Domingues sobre o circuito hípico e a de Ferreira de Castro sobre os últimos degradados que embarcam para a África.

Completando o magnífico texto, traz um artigo de Nogueira de Brito sobre a filosofia e o alcance social da obra de Ibsen, abrindo com um explêndido retrato de grande dramaturgo. Inegavelmente um excelente número o da *Renovação* que está pôsto à venda.

vouca uma certa agitação na sala. Daudet interrogado confessa:

— Essa carta é de minha mulher.

— Mas porque não a assinou.

— Talvez se tivesse esquecido.

A audiência termina com o depoimento de Marcel Provence, escritor, e de Chanot, ex-diretor da polícia municipal e que nada adiantaram.

RESPOSTA A "INTERNACIONAL"

A evolução histórica da seriedade é contrária à destruição das energias proletárias e aos métodos políticos herdados da classe burguesa

Vamos responder ao artigo de fundo de *A Internacional* sobre «Os resultados das eleições». Desiludam-se, porém, aqueles que admiram os insultos e os confundem com os principios. Não vamos despedir flechas envenenadas para ninguém, nem oferecermos um motivo para polemicas em que o azedume e o despeito podiam ser os únicos ou os principais materiais empregados. A nossa intenção é bem mais nobre e obedece ao utilíssimo fim de opor razões sólidas para uma elevação combatemos um desvairamento que se apoderou de muitas cabeças que se supunham sólidas e de muitas consciências que se presumiam dum coerência e dum clareza que nelas estava bem longe de existirem. São os nossos métodos e as nossas ideias que vão responder a desvios perigosos e antagónicos aos princípios sindicalistas revolucionários e aos interesses dos trabalhadores, como classe exploração.

Os utopistas da democracia que eram sinceros e empíricos e incorrigíveis eram incapazes de se adaptar às realidades desde que o seu reconhecimento implicasse a destruição do seu sonho.

Em vez de aceitarem a luta de classes que surgiu e se impunha como uma insotável realidade e uma consequência directa e fatal da exploração burguesa, procuraram enternecer os patrões, entoando a romança do operário humilde mas honrado, fazendo sobre o trabalho considerações poéticas e pedindo, ao bom coração dos exploradores uma exploração menos dura para os seus explorados. O socialismo confinava-se, a pensar no mérito dos seus defensores, numa espécie de vagidos sentimentais que não ecoaram na alma colectiva e endurecida da burguesia capitalista.

A soberania popular estava ferida mortalmente e o povo soberano constatava que nem os parlamentos, nem os representantes que em boa quantidade elegera conseguiram modificar a sua situação e libertá-la dum tutela excessivamente iniqua e opressiva. A luta de classes é oposta aos partidos políticos

Só através dum fanatismo estreito se pode atribuir a Karl Marx a paternidade da luta de classes. Seria o mesmo que afirmar que, em toda uma época, só um homem tinha aparecido com os olhos abertos e a inteligência fúzia. O resto era um aglomerado de cegos e loucos.

Enquanto os discípulos e os continuadores de Marx procuravam transformar o socialismo utópico num socialismo científico e este num dogma que sem discussão devia ser aceite, vozes se erguiam a clamor contra os que se obstinavam em revigorir antigos e queriam fazer girar a luta de classes em terreno de reformismos perniciosos e de interesses políticos e sectários. A pesar das estreitas vitórias numéricas atingidas pelas suas partidos socialistas e da enfática terminologia revolucionária em que se dissimulavam os objectivos reformistas, a sociedade, que era oponente da burguesia, era rudemente escalpelada.

O greve é um princípio de revolta que jamais uma lei burguesa sancionará. Com ela desaparece a concepção política dos doutrinários de costela acentuada ou atenuada de democracia social ou de radicalismo republicano. Ao eleitor que confia os seus destinos nos indivíduos em quem delega, sucede, o grevista, isto é, o revolto que, fora das leis e contra elas, luta contra a classe burguesa destruindo-lhe o prestígio das suas instituições e abalando-a rudemente nos alicerces em que assenta a sua bem-estar, sua liberdade, sua integração, sua emancipação.

O Sindicato revolucionário, ao romper com as instituições burguesas, adoptou, para orientar a sua ação, que em Portugal a ação do proletariado agrupado na C. G. T., teses perfeitamente opostas às dos políticos por mais extremistas que se afirmem. O parlamentarismo apodreceu mas a sua podridão não contaminou a classe operária porque esta abandonou o direito do voto, negando-se a colaborar num ilusão destinada a perpetuar o predomínio do capitalismo.

O grevista não pode ser o eleitor, pois é oposito ao outro. O eleitor abdica da sua ação, da sua iniciativa em proveitos que se inculcam, com boas ou más intenções, os seus defensores e seus libertadores. Não luta,

Admitamos, porém, que a-pesar-de votar ainda luta. Mas quando isso se dão os objectivos da luta em vez de serem determinados pelo proletariado que vota eleitoralmente.

O parlamentarismo revolucionário a luta de classes atingia sua plenitude. Os enamorados de abstracções

foram postos de parte, e os políticos rolaram no desregramento.

Dum lado a burguesia, com a sua exploração comercial e industrial baseada na lei do salário e, por meio dela, colocava o operariado na sua dependência económica, usando do Estado e dos seus meios coercitivos: as leis, os tribunais, os governos, os exércitos e as corporações policiais, assegurava politicamente, socialmente e assim que o seu bem-estar, sua liberdade, sua integração, sua emancipação.

Do outro lado o operariado com uma visão segura do mundo moderno organizava-se nos seus sindicatos sob uma base profissional ou industrial e recusava-se a aceitar a luta no terreno legal, sabendo por doloroso experiência que com a burguesia só se luta usando de processos, de métodos ou de instituições burguesas quando se aspira à derrota. E ninguém de bom senso e de boa fé, seja um indivíduo seja uma classe, luta, tendo por objectivo dar a vitória ao inimigo.

A ação parlamentar e a ação directa — eleitor e o grevista

A greve é um princípio de revolta que jamais uma lei burguesa sancionará. Com ela desaparece a concepção política dos doutrinários de costela acentuada ou atenuada de democracia social ou de radicalismo republicano. Ao eleitor que confia os seus destinos nos indivíduos em quem delega, sucede, o grevista, isto é, o revolto que, fora das leis e contra elas, luta contra a classe burguesa destruindo-lhe o prestígio das suas instituições e abalando-a rudemente nos alicerces em que assenta a sua bem-estar, sua liberdade, sua integração, sua emancipação.

O Sindicato revolucionário é o último grau da evolução proletária. Pretender arrastar o operariado para as urnas equivale a salvar o parlamentarismo da ruína em que se encontra e restituí-lo à democracia o prestígio das suas instituições e abalando-a rudemente nos alicerces em que assenta a sua sociedade, que só nos seus privilégios encontra a sua justificação.

O Sindicato revolucionário, ao romper com as instituições burguesas, adoptou, para orientar a sua ação, que em Portugal a ação do proletariado agrupado na C. G. T., teses perfeitamente opostas às dos políticos por mais extremistas que se afirmem. O parlamentarismo apodreceu mas a sua podridão não contaminou a classe operária porque esta abandonou o direito do voto, negando-se a colaborar num ilusão destinada a perpetuar o predomínio do capitalismo.

O grevista não pode ser o eleitor, pois é oposito ao outro. O eleitor abdica da sua ação, da sua iniciativa em proveitos que se inculcam, com boas ou más intenções, os seus defensores e seus libertadores. Não luta,

Admitamos, porém, que a-pesar-de votar ainda luta. Mas quando isso se dão os objectivos da luta em vez de serem determinados pelo proletariado que vota eleitoralmente.

EDEN TEATRO
Direcção artística de HENRIQUE SANTANA
TELEF. N. 3800
HOJE - às 21,15 (9 1/4 da noite)
Graça esfusante - Lindíssima música
NO PAIZ DO TIRISMO
GALANTE E ESPIRITUOSÍSSIMA REVISTA
CREMILDA DE OLIVEIRA em três papéis de destaque
Os "comperes" por HENRIQUE ALVES e GUILHERME CAUPERS
Grande aparato - Notável conjunto

Notas & Comentários**Os hospitais civis**

A conveniência de darmos publicidade a vários assuntos de grande oportunidade, determinou uma leve interrupção na sensacional reportagem dos hospitais civis que vimos fazendo com aplauso dos nossos leitores. Esta interrupção termina no próximo quinta-feira, dia em que reataremos a publicação das nossas impressionantes notícias, dando à estampa a situação, verdadeiramente penosa, em que se encontra o Manicômio Miguel Bombarda, visitado no sábado pelos nossos redatores.

Um esclarecimento

Procurou-nos o sr. António Soares, de-senhador da casa Diamantino & Branco, cujo pessoal se encontra em luta contra a baixa de salários, para nos declarar que nenhuma interferência teve na admissão de dois alunos do Asilo Maria Pia que ali se encontram trabalhando, traindo assim o movimento dos operários. Registamos as declarações do sr. António Soares que, aliás, já tinham sido confirmadas por uma nota dos grevistas, publicada no nosso número de domingo próximo passado.

Multas obscenas

Como o leitor sabe, a polícia de costumes resolviu acabar com os maus costumes da população lisboeta. Não se pode falar mal. O palavrão foi banido da linguagem portuguesa. Pela educação? Não, pela multa. Inúmeras têm sido as criaturas multadas pela polícia. Mas, agora, esta transformou a lei da boa educação num negócio rendoso. Multa a torto e a direito. Multa mesmo as criaturas que não preferem nem sequer dizer palavrões que fazem cair as senhoras delicadas. No sábado à noite, o sr. Bento Botica foi suavemente abordado por um agente que, a pretexto de que ele preferira palavrões obscenos, o levou preso. Passou a noite no governo civil e no dia seguinte foi condenado em 300 escudos de multa. Bento Botica pode afirmar com testemunhas não ter proferido uma única palavra obscena. Quem ensinaria a polícia a falar?

Que «louquice»!

O órgão católico julga-nos obrigados a manter conversação animada sempre que lhe apetece. Se quando não estamos bem humorados nos dispensamos de brincar com ele, sentindo a falta das nossas trocas, reclama.

Julgá o jornal Novidades que nós não temos as curiosas asneiras que suas colunas nos oferecem, dia a dia. Descane que temos. Ainda não nos esquecemos, por exemplo, que há dias referindo-se ao odioso Piamento que não caiu nas suas boas graças, qualificou de louquice a sua atitude perante os bispos.

Quere agora que lhes respondamos a todas as suas bontades elegantes. Ora, ora, — que louquice...

O avião Junkers

Partiu ontem de Madrid, cerca das 9 e 40 minutos chegando a Alverca depois das 13 horas o avião Junkers. Antes de aterrizar em Alverca fez várias evoluções sobre Lisboa arremessando vários prospectos.

Teatro São Carlos**HOJE**

repele-se Scénarios
de LUZ & ALMEIDA
e FREDERICO AIRES

Enscenação
da professora
LUCINDA SIMÕES

No principal papel feminino
Lucília Simões

OS QUE MORREM

Carolina Michaelis de Vasconcelos

Faleceu em Coimbra D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, eminente filóloga e um dos espíritos mais cultos do nosso país.

Escritora e poeta muito apreciada tanto em Portugal como no estrangeiro, D. Carolina Michaelis de Vasconcelos era considerada a par de Cândido Figueiredo, também houve falecimento, uma das criaturas que mais profundamente conheciam o idioma português.

Em sinal de sentimento pelo falecimento da ilustre escritora e professora da faculdade de Letras de Coimbra, a faculdade de Letras de Lisboa, onde pela primeira vez exerceu o magistério, suspendeu hoje, por 24 horas, os seus trabalhos. O director da facultade dr. sr. Queiroz Veloso enviou um sentido telegrama de pésames à facultade de Coimbra.

**CRISE DE TRABALHO
E BAIXA DE SALÁRIOS**

S. U. da Construção Civil

Reuniu em assembleia geral a Secção Profissional dos Pedreiros para tratar da crise de trabalho e baixa de salários e outros assuntos de interesse para a classe.

São convidados a comparecer nesta assembleia os camaradas José da Costa e os seus acusadores que fizeram inserir em A Batalha uma local sob o título "Um burburão".

EM DEFESA PRÓPRIA**Os condenados sem julgamento a prisão perpétua**

Todos os que acompanham de perto, dia a dia, as crónicas do crime estampadas nos jornais e as reclamações de justiça dos delinqüentes que se encontram detidos podem fazer ideia aproximada do que se passa nos tribunais desse país e nos cartórios dos escrivinhos respectivos para os quais, e por via de regra, a liberdade dum homem e a felicidade relativa dum casa de famílias são duas coisas de muito secundário interesse, desde que o dinheiro do arguido não ande à frente, lubrificando os atraços que se opõem ao rápido andamento da justiça.

Há exceções a esta regra, mas em geral é assim e até certo ponto compreende-se que não seja doutro modo porque o dinheiro é tudo, e sem él ninguém pode viver em equilíbrio estável numa sociedade falida.

Há seis meses que me encontro preso na cadeia civil do Porto como dinamita em consequência dum falsa denúncia, não tendo podido ser por menos inflame vingança que me privou da liberdade arrastando a minha vida, a minha saúde, a minha família e a minha casa, sem a menor atenção por meus filhos, que a lei e a justiça deviam proteger e defender.

No longo e amargurado decurso desses seis meses do mais injusto castigo que pode supôr-se muitos e diversos crimes camuns se hão praticado e a maioria dos respectivos agentes, mesmo nos casos de assassinato, agressão, e burla, ameaça, desfalque, etc., devido sem dúvida à influência dos políticos ou à cegueira do dinheiro, encontram-se a esta hora em liberdade, uns delas já julgados e absolvidos e outros afiançados, podendo assim tratar da sua vida, inclusiva e mais facilmente da sua defesa, o que e em liberdade muito mais fácil se lhes torna, como é intuitivo.

Ora, eu, que não cometi o crime de que sou acusado, o que provarei em audiência, já perdi a esperança de ser julgado nestes anos mais próximos e na cadeia vou ficando esquecido dos homens da justiça em detrimento da lei e meu próprio prejuízo, com sacrifícios inauditos para os meus filhos que sofrem mais que eu sofrer com a horrível situação em que me encontro e que por mim não foi criada.

O simples facto da minha captura efectuada por mandado judicial e em nome da lei, uma vez considerada a sua origem, é um verdadeiro crime cuja responsabilidade, mais ainda que dum falso e vilíssimo denunciante — carcereiro de Valpassos — é daqueles que, exercendo mister público, colocam indivíduos nas más circunstâncias na situação em que me encontro que é tanto ou mais grave que a do cárcere privado, crime previsto e punido pelo código penal. A minha situação está sobrenome gravada com a prisão de minha mulher por um outro motivo e cujo julgamento já foi adiado, frizando bem que o referido carcereiro é uma criatura de péssimos precedentes, aslavajados, e pode dizer-se que dos piores que há no conceito, pertencendo a uma sub-espécie de mostrengos a que ali se dá o nome de "rabões", sempre dispostos ao exercício de todos os crimes, às ordens de quem tudo pode e em tudo manda, garantindo-lhes a impunidade.

Algumas dessas malvados foram suprimidos em consequência da sua reconhecida fereza, outros têm morrido de remorsos, sendo de todos os mais ferros aquele que se arvorou em meu carrasco e que, pelas suas virtudes, se tornou superior à lei e aos próprios magistrados judiciais que fazem obras pelas suas denúncias, julgando-o pessoa de bem.

Pôsto isto resta-me tão sómente o patrocínio da imprensa, à qual e por esta forma mais uma vez recorro, repetindo e afirmando que não temo o julgamento em cujo acto farei prova cabal e completa da minha inocência, quanto ao crime que me atribuem, temendo apenas que a minha reclusão, caído inteiramente no esquecimento, venha a tornar-se perpétua. Superlativa infâmia de que ninguém está livre é, como tantas outras às quais só o povo consciente bem unido pode pôr cõbôro, o que alguma vez há de suceder, quanto é certo que nele deposito toda a minha esperança de melhores dias para a humanidade e toda a fé que bebi na fonte da sua história.

Cadeia Civil do Porto
A. Sebastião de BARROS

NACIONAL

A peça em 3 actos "As Duas Metades", em ensaios neste teatro, deve subir à cena por toda esta semana, entrando nela, além de todos os societários, alguns artistas contratados.

Um concurso em Espanha

ao qual podem concorrer artistas portugueses

Perante a direcção geral de Belas Artes, de Madrid, foram abertos concursos de esculptura e de música ao qual podem concorrer artistas portugueses. O concurso de cultura é relativo a um projecto do fonte para pátio jardim ou atrio, de escola oficial de crianças, sendo o prémio de 15.000 pesetas. Os temas do concurso de música abrangem: 1.º música religiosa: uma missa de natividade, de carácter popular; 2.º uma obra de música de câmara, prémio 3.000 pesetas para o concorrente melhor classificado em cada um dos dois referidos temas. Os esclarecimentos são prestados em Lisboa, na Direcção Geral de Belas Artes, e 2.º repartição para o concurso de música e 2.º para o de escultura.

**CRISE DE TRABALHO
E BAIXA DE SALÁRIOS**

S. U. da Construção Civil

Reuniu em assembleia geral a Secção Profissional dos Pedreiros para tratar da crise de trabalho e baixa de salários e outros assuntos de interesse para a classe.

São convidados a comparecer nesta assembleia os camaradas José da Costa e os seus acusadores que fizeram inserir em A Batalha uma local sob o título "Um burburão".

A BATALHA

Teatro São Luiz
Empresa Ramos, Lda—Telefone C. 224

Últimos espectáculos em que entra a notável tonadilla

LA GOYA

O espectáculo compõe-se de lindas canções e de uma opereta

HOJE

HOJE

Uma importante sessão contra as deportações**'A Batalha' na província e arredores**

Silves

Condenados à miséria — Os padres

SILVES, 14.—O trabalhador Sebastião Garrido morreu instantaneamente, vítima dum desastre quando conduzia um carro de bois, deixando sua mulher e filhos menores na maior das misérias.

Conforme noticiámos, na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão realizou-se anteontem uma importante sessão de protesto contra as deportações e prisões sem julgamento.

A lei dos acidentes de trabalho determina, nestes casos, que seja dada uma pensão à viúva. Os médicos que fizeram a autópsia do desventurado trabalhador constataram que ele foi vitimado em consequência do acidente de trabalho, mas nada fizeram para que a viúva recebesse a pensão.

A lei da Separação não permite que os padres andem pelas ruas em hábitos talares. Mas as autoridades fecham os olhos e deixam-nos andar com as suas vestes carnavalasca pelas ruas, afrontando a dignidade dos que não vão adorar um Deus de crime e de ódio.

A lei da Separação não permite que os padres andem pelas ruas em hábitos talares. Mas as autoridades fecham os olhos e deixam-nos andar com as suas vestes carnavalasca pelas ruas, afrontando a dignidade dos que não vão adorar um Deus de crime e de ódio.

— Até o animatógrafo aqui está bastante caro. Os donos, que são industriais corteiros, não baixaram os seus preços e são gananciosos que ainda por cima tentam reduzir mais os salários dos operários.

Razão têm os corteiros de se manterem na luta travada contra a baixa dos seus salários.

Gostaríamos ainda de ver os trabalhadores não frequentar o cinema enquanto não reduzirmos também os preços dos bilhetes.

A escola industrial

SILVES, 13.—A escola industrial, que tão útil tem sido à população desta cidade, possui uma aula-oficina nocturna para os filhos dos operários que não podem frequentá-la de dia. Por razões que ignoramos, a aula-oficina fechou, o que prejudicou grandemente os interessados.

Como o funcionamento daquela aula muito aproveita ao operário, daqui lembramo ao seu director a conveniência de reabrir quanto antes. — C.

Grijó-Gaia
Os frutos da propriedade particular

GRIJÓ, 14.—E' costume, desde tempos imemoriais irem os pobres ao monte buscar a lenha de que necessitam para preparar o negro caldo de couves, seu exclusivo alimento. Surgiu ultimamente aqui o sr. Antônio de Carvalho, mestre de obras do Pão, resolve a convite da direcção desse sindicato:

1.º Afirmar a sua mais veemente repulsa por tal iniqüidade;

2.º Fazer sentir à Câmara Sindicado do Trabalho de Lisboa a conveniência na realização dum grandioso movimento, tendente a obter o regresso dos deportados e a libertação dos presos que se encontram nas esquadras, com a paralisação de trabalho que permita a realização dum manifesto de protesto ao parlamento no dia da sua abertura.

A sessão terminou aos vivas à C. G. T., deportados, A Batalha, etc.

COLISEU

Hoje - A's 21 horas (9 da noite) - Hoje

2.º apresentação da célebre troupe

ZACHINI

com os seus maravilhosos e interessantes

4-cavalos selvagens - 4

Irmãos Trinchant

em triplice barra

MISS Arlette

Equilibrista em fio de ferro

que ontem obtiveram um extraordinário

succeso

Numeros novos Numeros novos

Todas as noites espectáculo variado

QUINTA FEIRA:
Grandiosa matinée elegante

DESPORTOS

Campeonato operário

Encerra na próxima sexta-feira, 20 de outubro, a inscrição dos clubes concorrentes ao campeonato operário de Lisboa.

Os clubes que pela primeira vez concorrem devem enviar os seus representantes terça-feira, às 21 horas, à sede da Federação Socialista de Desportos, Atléticos, no largo Afonso Pena, onde se encontra aberta a inscrição, para serem informados devidamente das formalidades que têm a cumprir para poderem participar do campeonato operário e das restantes provas federais.

Com as mulheres na polícia tivessem confessado que tinham ido buscar lenha ao pinhal do Carvalho, como de resto o faziam a qualquer outro, o processo foi enviado ao tribunal onde elas foram colocadas neste dilema: ou arranjarem um fior de 500 escudos e mais 176 em dinheiro, ou iam para a cadeia.

Este gesto repugnante do mestre de obras causou nesta localidade uma grande indignação. Dêle participaram até alguns proprietários que contribuíram com algum dinheiro para que as vítimas do mestre de obras não fossem parar à cadeia.

Como as mulheres na polícia tivessem confessado que tinham ido buscar lenha ao pinhal do Carvalho, como de resto o faziam a qualquer outro, o processo foi enviado ao tribunal onde elas foram colocadas neste dilema: ou arranjarem um fior de 500 escudos e mais 176 em dinheiro, ou iam para a cadeia.

Este gesto repugnante do mestre de obras causou nesta localidade uma grande indignação. Dêle participaram até alguns proprietários que contribuíram com algum dinheiro para que as vítimas do mestre de obras não fossem parar à cadeia.

Escolhem-se para interpretar o protagonista Samwel Dinis, actor inteligente e distinto, duma distinção rígida que nem sempre

MARCO POSTAL

Casa Branca. — J. Velez. — Recebemos 50\$00. E' favor de futuro liquidar meses completos, visto que as contas com agentes são por liquidações mensais.

Para o envio do cartão, necessitamos doura fotografia.

Alfarlos. — Delegação Ferroviária. — Recebemos 40\$50. Vai seguir o jornal e re-

cebo.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7:21
S.	13	20	27	Desaparece às 17:22
S.	14	21	28	FASES DA LUA
D.	15	22	29	L.C. dia 20 às 8:11
S.	16	23	30	Q.M. 8:15-13
T.	17	24	—	L.N. 16:58-2:06

MARES DE HOJE

Praiamar às 3:17 e às 3:37

Baixamar às 8:47 e às 6:07

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque	2880	
Paris, cheque	\$80	
Suica, ...	3579	
Bruxelas cheque	89	
New-York, ...	19560	
Amsterdão	7591	
Itália, cheque...	79	
Brasil, ...	205	
Praga, ...	559	
Suécia, cheque	525	
Austrália, cheque	277	
Berlim,	4568	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Carlos. — As 21:30 — «O Príncipe João». Nacional. — As 21... — Miragem. Politeama. — As 21:30 — Raparigas de hoje. * — As 21:30 — Salimbancos. Síndico. — Não há espetáculo. Trindade. — As 21:30 — «Madame Pompadour». São Luís. — As 21... — «A Montaria» e La Goya. Benfica. — As 21:15... — O Pão de Ló. Eben. — As 21:15... — No país de tirismos. Ilha da Vitoria. — As 20:30 e 22:30 — «Rataplan». Coliseu. — As 21... — Companhia de circo. Salão dos. — Animatógrafo e Variedades. Cine Vicente (à Graça). — As 20... — Animatógrafo. Irenê Ferre. — Tódas as noites. Concertos e diá- versões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terreiro — Arcos Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Meu Auer, assim como rodas docas 3 nascem, tubos, molas, chaminés de 2 3 peças. Vendem-se no Largo da Coroa, Bento Gonçalves, 10. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. E' na casa que fornece em melhores circunstâncias.

“HERPETOL”

— Dá um (-

Alívio instantâneo

SOBRE DE COMICHÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS do PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL CURA. Até então temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A ação do HERPETOL é maravilhosa, porque não põe creme ou óleo que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDIDURAS DE INSETOS, ECZEMAS, HUMIDOS E SICOS, etc., etc.

Não hesite e compre um frasco de HERPETOL e melhor remédio que até hoje apareceu.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 257, 2º.

Na hora de comprar, peça ao seu farmacêutico.

O bispo Cauchon. — As vossas vozes ordenaram-vos essa sorteira onde fostes capturada?

Joana Darc. — Na última semana da Páscoa ainda as minhas vozes me disseram que em breve eu seria traída e entregue aos meus inimigos...; mas isso tinha de suceder, que me não admirasse, que recebesse tudo de bom grado..., porque Deus viria em meu auxílio...

Um juiz. — Então essas vozes diziam-vos que serieis presa?

Joana Darc, suspirando. — Sim, elas me diziam há muito tempo...; eu pedia as minhas santas que desejava morrer apenas fôsse feita prisoneira, afim de não sofrer por muito tempo...

O Inquisidor. — As vossas vozes indicaram-vos que serieis o dia em que serieis presa?

Joana Darc. — Não me indicaram precisamente; anunciam-me sómente que em breve eu seria traída e entregue aos meus inimigos... Disse isto mesmo a boa gente de Compiegne no dia da sorte.

Um juiz. — Se as vossas vozes vos tivessem ordenado que travassais batâlia diante de Compiegne prevenindo-vos ao mesmo tempo que serieis prisoneira nesse dia, lhes teríeis obedecido, a-pesar-dessa adversidade?

Joana Darc. — Teria obedecido a meu pesar, mas não deixaria por modo nenhum de obedecer, quaisquer que fossem as consequências...

Um juiz. — Passastes a ponte afim de efectuar a vossa sorteira de Compiegne?

Joana Darc (cada vez mais cruelmente afectada por esta lembrança). — Isso faz parte do processo?

O bispo Cauchon. — Respondei.

Joana Darc (com voz breve e apressada): — Passei a ponte; sai pela passagem do reduto; ataquei com a minha companhia os borguinhões do senhor de Lumburgo; repeli-os por duas vezes para os seus entrancheiramentos, e a terceira vez até meio caminho. Então vieram os ingleses, e cortaram-me a retirada.

Muitos dos meus soldados queriam fazer-me voltar

para Compiégne, mas a ponte tinha sido levantada logo em seguida à nossa passagem... Estavamostraidos e eu achava-me prisoneira...

O bispo Cauchon. — Joana, o vosso interrogatório terminou por hoje. Pedi a Deus que vos ilumine o espírito, e que vos guie no caminho da salvação eterna; que ele vos guarde e venha em vosso auxílio!... (Ele faz o sinal da cruz). Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo... Amen!

Todos os padres se levantam e repetem: Amen!

O bispo Cauchon. — Que Joana a Donzela, a acusa-se de ser conduzida à sua prisão...

Joana, mais abatida e extenuada do que dantes, jaz de novo no seu cárcere, sofrendo dores atrozes pelas argolas de ferro, que ela de baldado tem envolvido nalguns dos farrapos do seu vestido desfeito aos pedaços, e pela reabertura dumas das suas glórias feridas que se lhe agravara. Outra causa mais tenebrosa ainda e que datava de alguns dias concorreu para aquele notável enfraquecimento.

Vendo um carcereiro a debilidade da prisoneira, trouxe-lhe para lhe abrir o apetite um pouco de peixe mandado pelo bispo e na sua cozinha preparado; mal a misera o comeu foi tomada de vómitos convulsivos, a face tornou-se-lhe cadavérica e perdeu os sentidos. Os carcereiros vendo iminente a morte, chamaram o médico, que a declarou envenenada, e que salvando-a nunca lhe pôde restituir a primitiva saúde.

Desde então a seu abatimento cresceu. Julgando-

-se em perigo de vida pedira a confissão e acabava de abrir a sua alma, leal e pura, ao próprio cônego Loyseleur, o qual ocupava o escabelo junto à espécie de esquife cheio de palha que servia de leito à heroína.

Longe estava esta de suspeitar a traição daquele ho-

mem que para ela significava as consolações da espe-

rança e da religião; e que fazendo-lhe acreditar que a grande custo obtivera permissão de visitar a sua

criada filha, praticara com ela algumas vezes, ouviria da

sua boca a ingénua narrativa do interrogatório, felici-

taria-a pela sua firmeza em sustentar as suas asseve-

rações; e hipócritamente lhe insinuava novos conse-

lhos acerca do processo.

Era o caso que um dos juizes (fôr ele próprio, o infame!) lhe preguntara a qual dos dois papas se deverá obedecer. Esta importante questão de obediência à Igreja fôr adiada pelo bispo para o seguinte interrogatório: com ele lhe preguntariam se aceitava a seus juizes por legítimos. Era isto uma liga, dizia o cônego. Se respondesse afirmativamente, dar-lhes hia mais força para a condenarem; se sustentasse pelo contrário que só reconhecia a Deus por soberano juiz, ajudaria muito os seus algozes nos maus designios.

Esta infame maquinção do bispo e do cônego de-

viam ter o melhor êxito no espírito de Joana; ignorante das subtilezas teológicas ia assim cair na manifesta condenação de herética por não reconhecer o tribunal eclesiástico, como caíra na primeira condenação por afirmar sinceramente a realidade de suas visões. A sua

infâmie, o seu hábito de apelar em tudo para Deus, a sua reserva, que a-pesar-da extrema religião lhe não deixou nunca confessar nem ao seu próprio cura as suas visões e revelações e sobre tudo a má-te em que

tinha os juizes, davam garantias do bom êxito da nova tentativa, que o cônego segurava, ouvindo a precipitada confissão, e insistindo nos seus conselhos.

Findo isto, chamou o carcereiro, que o tratou com fin-

gida brutalidade, e saiu deixou Joana só.

No facto desta confissão geral tivera a Donzela em

vista não só o cumprimento dum dever religioso que

lhe era habitual, mas em face do perigo, o desejo de

passar em revista todos os actos da sua vida, e buscar

o motivo porque a poderiam condenar a essa horrível pena da fogueira!... Só a ideia deste suplicio domi-

nava de invencível terror a alma heróica da guerreira,

era a vergonha de ser conduzida por entre a multidão,

como uma infame criminoso, era o medo das atrocidades

torturas que devia sofrer sentido as chamas afagar-lhe

as carnes vivas, e era sobretudo o horror da casta vir-

gem ao saber pelo cônego que os condenados cami-

nhavam para o suplicio só com uma camisa e uma

carapuça de papelão onde se inscrevia o verdadeiro

ou suposto delito, lembrando-se que havia de mos-

trar em face da multidão brutal as pernas, os braços,

os seios, os ombros nus e o corpo mal coberto dum

túnica branca. Então tudo quanto havia de honestida-

de, de alívio e de pudicícia na alma ingénua de Joana

se revoltava, e de bom grado se acurvava às mais

cruéis violências dos seus juizes, se elas em troca lhe

pousassem ao menos esta mortal ignomínia! Era

debalde que as vozes da sua consciência e da sua cora-

gem lhe diziam: sobre heroicamente o seu martírio até

ao fim, que não maculas a tua santa e casta vida, não

temas a vergonha, que essa só cairá inextinguível,

eterna, maldita sobre os teus carrascos! Afronta os

olhares impudicos dos homens, que a tua glória se

reveste de impenetrável auréola!

Em alternativas de coragem e desalento passara

assim Joana satisfeita nesse dia, por ter desencarre-

gado a sua consciência pela confissão, e por vêr na

morte que a doença lhe permitia, próximo o termo

dos seus males, e o abrigo contra o suplicio, quando

a desportou a voz do bispo dizendo aos carcereiros:

— Abri a porta da prisão a Joana; abri perante a

justiça de Deus.

A porta abre-se, o prelado entra acompanhado dos

A BATALHA

Reflexões de Besnard sobre o momento presente

A crise que atravessam todos os países, e em cada um deles, todos os agrupamentos, quer sejam económicos ou políticos, patronais, governamentais ou operários, parecem atingir o seu apogeu.

As dificuldades da guerra, que perturbou o equilíbrio do mundo em todos os domínios, chegaram a um tal ponto que o desenlace impõe-se. Qual será este desenlace? E' a única questão que se apresenta. Questão importante, se se toma em conta que a solução marcará: ou a libertação do trabalho ou o reforçamento da servidão.

E' com efeito deste modo que é preciso considerar o problema apresentado perante nós.

A tensão existente entre as forças em presença duma maneira permanente chegou a um tal grau que nenhum «compromisso», nem humana «solução média» poderão intervir.

E' de pé, direitos, em toda a sua altura, apoiados em todas as suas forças, que os adversários se olham, e se desafiam, antes de travar uma luta, que parece decisiva para muito tempo.

Será o Capital—levado ao campo da batalha pela sua finança poderosa, audaciosa e cínica—que triunfará, ou então o Trabalho—destruído hoje, mas muito capaz de juntar as suas forças na hora do perigo—quem derribará o seu adversário?

Nunca questão mais palpável se apresentou com tanta gravidade. Como quer que seja, a antiga ordem de coisas viveu.

Não pode, à este respeito, haver dúvida nenhuma.

As correntes democráticas que tentaram desenvolver-se em todos os países estão condenadas a desaparecer a breve prazo.

Para dizer a verdade, nunca tiveram realmente uma consistência suficiente para se impor. Não o podiam mesmo.

Idea intermédia, sistema hermafrodita, o democrático social não tinha nenhuma maneira de triunfar sobre os rivais que dispunham de todos os tempos a supremacia do Universo.

Pré entre estas duas forças diferentes, mas igualmente poderosas, o democrático social que pretende conciliar o capitalismo com o socialismo, o interesse particular com o interesse colectivo, não podia senão ser esmagado.

E' hoje coisa feita. Na França, onde tinha, em razão da formação do espírito popular, raízes mais profundas do que noutra parte, está vencido, irremediavelmente vencido. A queda do ministro Herriot trouxe como o dobro duma derrota que os resultados obtidos pelo ministro Painlevé não fazem senão acentuar mais.

Herriot e os seus ministros representavam, com efeito, o ideal democrático. Eles procuraram, no decurso de dez meses de exercício de poder, e um pouco em todos os domínios, realizar algumas parcelas do seu programa eleitoral.

Esta tentativa foi coroada do mais retumbante dos cheques. Herriot foi o último ministro democrata. Se voltasse, por acaso, era para cair no dia seguinte, e marcar ainda mais claramente a falência lamentável duma democracia impossível.

Agarrado pelo pescoco pela alta finanças, desde a sua chegada ao poder, o Cartel das Esquerdas teve, para durar miseravelmente, de abandonar sucessivamente todos os artigos essenciais do seu programa.

Esmagado pelas dificuldades financeiras inextricáveis, foi obrigado a aceitar, como Poincaré, o concurso da finança americana, a renovar o empréstimo Morgan. Isto conduziu-o a abdicar em Londres toda a sua independência nas mãos dos financeiros da Cité e de Wall Street.

A pouco e pouco, aqueles depois de terem imposto o plano Dawes à Alemanha, apertaram o círculo volta de Herriot, e de repente, por um golpe da audácia iuavida, deitaram-no abaixo do poder.

Quem ousaria sustentar agora que Painlevé — cuja existência ministerial se vai aproximando do fim — não se mantém senão cedendo todos os dias um pouco mais de território em todos os domínios?

A ilusão entusiasmada entoada após a recente vitória de Caillaux sobre Churchill, em Londres, sucede-se a derrota, certa também a de Caillaux em Nova York.

E' inútil esperar, de hoje para o futuro, das conversações com Washington e Nova York outra coisa, a não ser um piano de Dawes para a França.

Isto significa que a França, depois da Alemanha, se vai tornar uma «colónia» americana.

Os financeiros americanos ficam insensíveis às graças que lhes prodigaliza o último representante de Lafayette, o sr. de Chambrun. Já esqueceram há muito tempo o auxílio que lhes deu Luís XVI. Não se lembram senão das nossas dívidas. Querem que lhas paguem duma maneira ou outra. As declarações do senador Borah, a este respeito são significativas e cheias de ameaças. Hoje exigem, e sem prazo, o seu dinheiro, dinheiro que o cofre forte do sr. Caillaux não contém.

Estão prontos a tornar-se os mandatários duma falência hoje verificada, mas com a condição de dispor imediatamente do activo, de pôr a mão sobre todas as riquezas do país.

E' coisa feita para o futuro. Como o negro de centro de África, o operário francês tem agora dois senhores para alimentar e enriquecer.

Resignar-se-há a aceitar esta dupla escravidão? Tal é a questão.

Esta situação criada à França, depois da Alemanha, não é contudo particular a estes dois países.

Toda a Europa, também compreendida a orgulhosa Albion, vai sofrer a sorte já partilhada por toda a parte central e oriental do nosso continente.

Bem entendido, que há pessoas que escapam a esta domesticação, são os financeiros aliados aos da América.

São, todavia, os únicos. As falências retumbantes dos consórcios Barmat, Stinnes, na Alemanha, as dificuldades de Krupp, no mesmo país, são a obra paciente dos bancos, que num momento dado, recusaram os grandes industriais de além Reno o consumo financeiro que lhes era indispensável.

Sucederá o mesmo em França. Os estabelecimentos Arbel, grande firma de construções com o capital de duzentos milhões, sabem já alguma coisa disso. Amanhã será a vez de Schneider, de Citroën, a despeito

de todo o seu reclame, de Renault, de todos.

A finança quer a todo o preço abater a indústria cuja insubmissão actual incomoda as combinações. Quere criar de novo com todas as peças uma indústria nova, mais dócil, que obedeça as suas vontades e execute as suas ordens. Os grandes capitalistas da indústria não devem, segundo elas, senão ser os agentes de execução dos designios dos financeiros.

Assim, caracteriza-se, precisa-se e afirma-se a forma nova do capitalismo com a sua hierarquia, no vértice da qual se coloca a finança.

Assim, as admiráveis chaceineiras de Aldeagalea, cuja luta gloriosa se arrasta há já bastantes semanas, estão vendo alguns dos seus patrões cederem com a garantia de salários até superiores ao que elas tinham e queriam segurar. Os operários do mobiliário também têm recebido de alguns dos seus industriais a aqüiescência pela aceitação do salário mínimo que o seu sindicato estipulou, mantendo apenas a luta em uma oficina, cujo patrão, leigo na indústria que explora, supõe possível fazer curvar uma classe à sua peregrina cupidides.

Admirável também o movimento dos corticeiros. Quando os magnates da A. I. P. julgavam possível a obtenção dos seus objectivos de redução de salários, irrumpiram, de todas as localidades em greve, os mais catinhosos protestos de confiança pela Federação Corticeira e as mais ardorosas afirmações de desejo de lutar até vencer. Nós já o havíamos previsto: os corticeiros não renegam o seu passado revolucionário. A luta contra o industrialismo junta-se agora a indisposição justa contra a traição de indivíduos que, piores do que os patrões, pretendem influir para uma desmoralização e nua, mas exacta, e também o seu adversário sob o seu verdadeiro aspecto.

Será contudo melhor assim. Será mais claro, mais franco. Desta maneira a classe operária perderá as suas últimas ilusões. Deixará de acreditar nas mentiras democráticas dos governos, dos dirigentes sindicais, para compreender, enfim, a verdade cruel e nua, mas exacta, e também o seu adversário sob o seu verdadeiro aspecto.

Será o fim de todos os charlatões, a afirmação inegável, cada dia reforçada pela prática, da luta de classes.

Certamente, esta eventualidade é angustiosa, a-pesar-de tudo. Mas é inevitável. Não tentemos pois fazê-la adiar. Isso não serviria de nada.

Convém poi aceitar corajosamente uma tal situação, esforçar-se por lhe fazer face. E' difícil sem dúvida. Mas é impossível!

Se o fosse, haveria que aceitar a nova ditadura, e inclinar-se sem combate perante uma força contra a qual toda a resistência seria impossível.

Não é essa a minha convicção.

Quaisquer que sejam as formidáveis potências, os métodos diabólicos, a superioridade incontestável da organização adversa, resta ao proletariado a possibilidade de lutar contra ela.

Constatou-se que os corticeiros, ratificando a confiança no seu comité orientador, confiam em si próprios, no seu esforço, na sua abnegação, para alcançar uma justa vitória que servirá a prover de mais pão—conquistado a lutar—os lares definidores da pobreza e cega ganância dos industriais.

Camaradas: Se dúvidas tivessem sobre o bom desfecho desta grande luta, elas estariam desfeitas pela grandiosa manifestação que vem de produzir-se nas localidades em greve.

Constatou-se que os corticeiros, ratificando a confiança no seu comité orientador, confiam em si próprios, no seu esforço, na sua abnegação, para alcançar uma justa vitória que servirá a prover de mais pão—conquistado a lutar—os lares definidores da pobreza e cega ganância dos industriais.

Camaradas: A vossa persistência anima-nos, encoraja-nos e serve-nos de coragem contra as arremetidas da usura industrial e da calúnia vil que um sevandijo vomitou contra militares de moral conhecida.

Que todos vós, grevistas corticeiros salvais erguer bem alto o vosso pendor de justa revolta contra a infusa pretensão de que buscam usurariamente reduzir-nos à situação de famintos!

Que toda a vossa indignação e desprêzo vão também para aqueles que, despeitados por não conseguirem desviar a nossa classe do curso da coerência dos princípios emançipadores, desenvolvem neste momento uma repugnante obra de traição!

Para esses tartufos o asco que se tem pelo reptil venenoso, para os industriais que nos provocaram a esta luta de sacrifícios, a afirmação que lutaremos até que nos respeitem o direito à vida.

Amanhã a comissão de démarches vai avistar-se com os industriais e ouvi-los sobre a solução do conflito. Aguardai com serenidade o resultado; mas desponde-vos a defender com ardor o vosso pão.

Viva a greve! Abaixo os traidores!

O Comité

JA LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

Enquanto a luta parcial de algumas classes vai sendo coroada de êxito, a classe corticeira pronuncia-se nobremente disposta a lutar até vencer

No Barreiro

A classe corticeira, reunida na sua máxima força com a presença de dois delegados da Federação Corticeira, resolveu, por aclamação, continuar o movimento até à vitória.

Apreciando um artigo inserto no jornal *A Internacional*, a assemblea aprovou a seguinte moção:

«Considerando que Fernando Simões publicou no número 52 de *A Internacional* um artigo onde se acusa a Federação Corticeira de ter aceitado a baixa de salários com manifesta repulsa dos sindicatos seus aderentes;

que o mesmo no seu artigo ataca infamemente, e sem provas, camaradas que dentro da Federação têm empregado o seu esforço;

que este Sindicato não poderia calar-se ante tamanha afronta;

que, finalmente, o jornal *A Internacional* merece a nossa antipatia por se prestar a publicar artigos que são uma triste demonstração de falta de moral;

Os operários corticeiros, reunidos em assembleia geral, resolvem:

1º Repudiar a acusação que é feita à F. C. de ter aceitado a baixa de salários, e declarar que a mesma tem procedido sempre em harmonia com as circunstâncias.

2º Ratificar a sua confiança nos camaradas que estão à frente da Federação e reconhecer-lhes os dotes morais e de trabalho suficientes para exercerem os cargos para que a classe os nomeou.

3º Repudiar toda a solidariedade com Fernando Simões, tanto pelo seu procedimento presente como pela sua conduta moral de sempre, tanto como político, como na qualidade de operário.

4º Devolver à procedência o jornal *A Internacional*, em sinal de protesto por o mesmo dar guarda a tão infame colaborador.

Em Almada

Reúniram os operários corticeiros deste concelho, para ouvirem dos delegados da Federação Corticeira a descrição do estado em que se encontra o movimento provocado pelo industrialismo, nos seus propósitos malévolos de reduzirem em mais 10% os já infimos salários.

A classe resolveu só retornar o trabalho quando o comité central da greve o indique.

A assemblea terminou entusiasticamente impressionada com a exposição feita pelos delegados.

A classe reúne diariamente às 17 horas.

Em Aldeagalea

Reuniu a classe, com a comparsa de dois delegados da Federação Corticeira a descrição do estado em que se encontra o movimento provocado pelo industrialismo, nos seus propósitos malévolos de reduzirem em mais 10% os já infimos salários.

A classe resolveu só retornar o trabalho quando o comité central da greve o indique.

A assemblea terminou entusiasticamente impressionada com a exposição feita pelos delegados.

Em São Tiago do Cacém

Comunicamos que a greve geral segue como no seu início, estando os camaradas corticeiros prestes para lutar em prol das suas reclamações ate que o Comité determine.

No Seixal

A greve corticeira prossegue indefetivelmente, notando-se nos grevistas melhor espírito de resistência por cada dia de luta que passa.

Na assemblea magna, realizada com a presença de dois delegados da Federação Corticeira, foram apreciadas as démarches já efectuadas junto dos industriais, repudiando-se a baixa de salários como afrontosa. A assemblea aprovou a seguinte moção:

«Os corticeiros do Seixal, reunidos, ratificam mais uma vez as deliberações já tomadas, no sentido de manter a confiança à Federação Corticeira, só retomando o trabalho quando esta é o movimento por terminado com vitória.»

Com euforia, a classe protestou contra as infâmias contidas num artigo publicado no jornal *A Internacional*, da autoria dum tal sr. Fernando Simões, cuja cravaria moral é própria dum bandalho. Resaltando desse artigo a insinuação de que arbitrariamente a Federação aceitou a primeira baixa nos salários, o delegado da comissão federal descreve a forma como os factos se passaram, os quais foram de inteira responsabilidade da classe, a qual se pronunciou nas suas assembleias, pelo que se prova não ter existido ditadura federal como tão infamemente se insinuou. Por fim foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1º Repudiar as acusações boladas em *A Internacional*, e reconhecer que o seu autor não merece outra consideração senão a que é dada aos caluniadores. 2º Ratificar toda a confiança nos camaradas que na Federação Corticeira empregam o seu esforço e fazem jus ao seu povo mortal. 3º Enviar cópia desta moção aos jornais *A Internacional* e *A Batalha*, fazendo assim público

o seu resultado.

Antes de encerrar a sessão, um camarada da construção civil fez a biografia do caluniador Simões, aludindo a um acto de latrocínio de dinheiros dos trabalhadores que o mesmo praticou.

A sessão encerrou-se com abaios à calúnia e vivas a elas.

Em Belém

Com a presença de dois delegados da Federação, reuniu a assemblea magna dos grevistas corticeiros, sendo todos unânimes em não retomar o trabalho sem determinação do comité.

Hoje a reunião é às 10 horas.

Em Sines

Reúniram os corticeiros em greve para apreciarem a marcha do movimento, manifestando-se a assembleia satisfeita pela forma nobre e alta da classe vai corresponder à orientação da Federação Corticeira, no sentido de defender os salários.

Hoje a reunião é às 10 horas.

Em Vendas Novas

Continuam sem defecções a greve geral corticeira nesta localidade, sendo o moral dos grevistas excelente.

Em Castelo Branco

Nesta localidade segue o movimento grevista corticeiro com o entusiasmo do primeiro dia.

Em Pó do Bispo

Reúniram em grande maioria os operários corticeiros, estando presente um camarada delegado da F. Corticeira. Entusiasticamente apreciada a marcha do movimento grevista, foi resolvido continuar-se no movimento até que a central da indústria o determine.

Hoje reúne a classe, às 1